



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **NEM CONVENTO, NEM BORDEL**

**Marcos Roberto Inhauser**

Se concentração ganhasse jogo, quartel e convento seriam campeões mundiais. O Dunga e o Jorginho estavam mais para diretores de convento que para técnicos de futebol. O isolamento a que submeteu os jogadores, a proibição para que dessem entrevistas, acessarem o Tweeter e atualizassem seus sites, a determinação de que os familiares não fossem à África, levou a Seleção Brasileira a viver em um quartel, com mando militar e resquícios de convento, dada a santidade imposta e as orações do auxiliar técnico Jorginho.

Este se desautorizou perante o grupo por ter sido quem sugeriu que os familiares dos jogadores não fossem à África e ele mesmo levou os seus. Ao ser descoberto o “faça o que mando, não faça o que faço”, perdeu credibilidade e autoridade junto ao grupo.

As determinações desta Comissão Técnica eram a tentativa de que não se repetisse o que houve em 2006, por alguns avaliados como uma farra, em que o hotel da delegação acabou, por vezes, tendo resquícios de bordel. A Seleção de 2006 foi desclassificada por ter tido muita liberdade e, tudo indica, a de 2010, por ter sido repressiva. Um grupo confinado por mais de 30 dias gera desconforto, irritação, descontrole emocional. E isto se viu em profusão, seja nas reações do Dunga na entrevista em que ofendeu o jornalista, seja no comportamento irritadiço do Kaká em todos os jogos, das faltas e expulsão do Felipe Melo, do descontrole do Rubinho já nos primeiros lances.

Por outro lado, a Seleção Argentina, com um modelo aberto de concentração, onde o Maradona admitiu que se podia transar e beber vinho, também não redundou em classificação satisfatória.

De minha parte, faltou foi profissionalismo na CBF ao colocar com tal responsabilidade alguém que nunca havia dirigido como técnico time algum. Colocou como auxiliar a uma pessoa que, pelo que se sabe, privilegiou a presença, convocação e nomeação de jogadores, olheiros e assessores por afinidade religiosa.

Faltou avaliação, feedback e posicionamento do Ricardo Teixeira, pois, a julgar pela entrevista dada na segunda à noite a uma roda de comentaristas, ele deu autonomia ao grupo, a tal ponto de ter sido desautorizado quando permitiu que entrevista fosse realizada. No dizer dele, a coisa estava em pleno vôo e não havia como trocar o piloto no meio da viagem, deixando nas entrelinhas que se arrependeu do que fez.

Não tenho esperanças de que as coisas mudem, porque, neste país, a frase é “façamos a revolução antes que eles a façam”. O Teixeira não vai sair, o discurso vai ser bonito, a caca vai ser a mesma, sem Kaká, Lucio, Julio Batista, Juan e outros mais.